

COR E GÊNERO DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIOS EM ITABUNA, DE 1990-2015: A TERRITORIALIZAÇÃO DA EXCLUSÃO SOCIAL

Alex Rosa dos SANTOS¹

Maria Cristina RANGEL²

RESUMO

O objetivo deste artigo é levantar as características das vítimas de homicídio em Itabuna, no interior do Estado da Bahia, no período de 1990 – 2015 e verificar se há seletividade por cor e gênero das vítimas de homicídios nesta cidade. Para tanto foram coletados dados secundários referentes aos homicídios em três escalas geográficas (Brasil, Bahia e Itabuna), com a finalidade de comparação e entendimento do fenômeno. Os dados sobre homicídios e ocorrências criminais foram extraídos do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), Mapa da Violência 2014 em conjunto com as informações obtidas da 6ª Coordenadoria Regional de Polícia do Interior (COORPIN) de Itabuna. Também foram criadas figuras com dados do perfil das vítimas e as taxas da violência homicida para o município, nos anos estabelecidos. Foram identificadas as regularidades e suas correlações com a exclusão social, cor/raça, gênero e investigados os motivos de tais regularidades. Os resultados demonstram que mais de 70% da população do município de Itabuna são negros (pretos e pardos) e dos que morrem vítima de homicídio, mais de 70% são negros (dados de 2010). As maiores vítimas de homicídios são homens jovens e negros, com idade entre 15 – 29 anos e representam 80% das vítimas. Portanto, em Itabuna está havendo um grau maior de violência nesse segmento social, indicando uma seletividade recorrente de homicídios na população. Sendo assim, as políticas públicas devem ser voltadas também para esse público, considerando as variáveis a cor da pele, idade e gênero.

Palavras chave: Espacialização. Violência. Itabuna.

¹ Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

² Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP).

COLOR AND GENDER OF HOMICIDE VICTIMS IN ITABUNA, FROM 1990-2015: THE TERRITORIALIZATION SOCIAL EXCLUSION

ABSTRACT

This paper aims to survey the characteristics of homicide victims in Itabuna between 1990 and 2015, and to verify if there is any discrimination in race or gender among homicide victims in this city. For this purpose, secondary data was collected in reference to homicides on three geographical scales (Brazil, Bahia and Itabuna), with the intent of comparison and comprehension of the phenomenon. The data on homicides and criminal records were extracted from the Mortality Information System (*Sistema de Informação sobre Mortalidade – SIM*, in Portuguese), the 2014 Violence Map, along with information obtained at the 6th Regional Coordinating Body for the Countryside Police of Itabuna (COOPIN). Charts were also created with the profiles of the victims and rates of homicidal violence in the city for the established years. Certain patterns were identified as well their correlation with social exclusion, color/race and gender, and the reasons for these patterns were investigated. The results show that over 70% of the population of Itabuna is black (black or dark-skinned), and of the total number of homicide victims, over 70% are black (data from 2010). The most frequent victims are young black men, aged between 15 and 29, representing 80% of victims. Therefore, this segment of society sees a greater incidence of violence, indicating recurring discrimination in homicides among the population. Thus, public policies should be aimed at this segment of the population, considering variables in skin color, age and gender.

Keywords: Spatialization. Violence. Itabuna.

1 INTRODUÇÃO

O Mapa da Juventude (WASELFISZ, 2010) juntamente com os dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) apontam que os homicídios no Brasil acontecem, principalmente, com homens jovens e negros (pretos e pardos), indicando que a expectativa de vida desses é encurtada e obedece a um padrão de mortalidade. Há, inclusive, uma territorialização particular desses homicídios, pois acontecem principalmente nos bairros periféricos e locais de pessoas empobrecidas. Essa constatação conduz a alguns questionamentos: Por que é assim? Por que são os homens jovens as principais vítimas dos homicídios? Por que essas vítimas são, em sua maioria, pretos, pardos e pobres? Há alguma relação dessas vitimações com processos de racialização e de gênero?

Dentre os mecanismos de exclusão está aquele em que há uma identificação no “outro” de algum traço fenotípico ou qualquer outro elemento capaz de promover distinção e ser transformando em estigma. Feita a distinção, os passos seguintes são a hierarquização, a adjetivação negativa e a subsequente subalternidade. No dizer de Therborn (2010, p. 145): “Uma diferença pode ser horizontal, sem que nada ou ninguém esteja acima ou abaixo, seja melhor ou pior, enquanto uma desigualdade é sempre vertical, ou envolve *ranking*”. Ser homem, jovem, preto, pardo e pobre se apresentam como características distintivas e na hierarquização social são colocadas no patamar dos inferiorizados. Há, portanto, indício de uma racialização da cor, prática do racismo que bloqueia relações, inibe participações e aspirações, mutila práxis humana, dificulta ascensões (IANNI, 2004a), promove a exclusão e a desigualdade. A diferença é usada não para promover categorizações, mas para justificar injustiças praticadas por quem se beneficia das mesmas, ou mesmo pelos que já assumiram a racialização e o racismo como verdades.

Com relação à questão de gênero, para Vallin (2004, p. 17): “A diferença de mortalidade entre homens e mulheres não é somente uma questão de sexo biológico, é também, e sem dúvida, sobretudo, uma questão de ‘sexo socialmente construído’ ou, dito de outra forma, de gênero”, o que pode explicar em parte o fato dos homens serem em sua maioria as principais vítimas nos casos de homicídios e violência, já que é “natural” do homem esse sentimento de territorialização, de dominação do lugar em que vive e com isso acaba se sujeitando mais facilmente aos perigos e influências que o cercam, seja no tráfico de drogas, assaltos, violência física, enfim, a figura masculina é predominante nos atos que envolvem a criminalidade.

Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é de levantar as características das vítimas de homicídio em Itabuna, no interior do Estado da Bahia, no período de 1990 – 2015, verificando se há correlação entre cor, gênero e exclusão social neste município. Com isso pretendeu-se não só descrever e representar a manifestação de um fenômeno, mas refletir sobre o ele, no intuito de contribuir para orientações de políticas públicas que possam romper com os mecanismos de exclusão, desigualdade e criminalidade seletiva.

A escolha do período de 1990 a 2015 para o levantamento dos dados se deu devido à desestruturação da cadeia produtiva do cacau na microrregião Ilhéus-Itabuna, carro chefe da economia local, iniciada na década de 1980; o acirramento da migração rural-urbana nessa região; e o próprio processo de urbanização e industrialização no Brasil, suas causas e mazelas. Assim, para contextualizar os crescentes casos de homicídios em Itabuna, o fenômeno foi analisado considerando outras escalas geográficas, como a regional.

Moura (2012) e Waiselfisz (2013) salientam o aumento no índice de violência nas cidades de porte médio no Brasil (cidades com população entre 50 e 500 mil habitantes, segundo Andrade e Serra (2001)), como é o caso de Itabuna.

Esse aumento deve ser contextualizado no processo da intensa urbanização no Brasil (BRITO; PINHO, 2012) e da exclusão social das vítimas de homicídios, manifestações não exclusivas ao município de Itabuna.

Partiu-se da hipótese de que a territorialização dos homicídios praticados no município de Itabuna é expressão de ações sociais excludentes em que os homens pretos e pardos são as principais vítimas e que não decorrem somente por questões sociais, mas também raciais; e que a diferença quantitativa (mais homens) das vítimas de homicídio, além da racialização da cor, há a questão de gênero que coloca os homens em mais situações de risco de morte do que as mulheres.

A exclusão social das vítimas de homicídios se manifesta no espaço urbano de Itabuna por meio dos locais onde ocorrem, em sua maioria, nos bairros periféricos, com população de baixa renda, caracterizados por moradias precárias, falta de serviços públicos básicos e local onde a maior parte da população é preta ou parda. Já a racialização da cor pode ser detectada primeiramente pela quantidade maior de pretos e pardos que é vítima de homicídio em comparação com outros grupos, como o dos brancos e, em segundo lugar, pela comparação entre o percentual de pessoas brancas no total da população vítima de homicídios, como de pessoas pretas e pardas.

Para atingir ao objetivo principal desta pesquisa procurou-se analisar a regularidade quanto aos locais de ocorrência de criminalidade em Itabuna. Foi abordada também a

questão do gênero, pois sabe-se que por questões históricas, sociais e políticas há diferenças comportamentais de homens e mulheres, colocando os homens em situações de maior vulnerabilidade. Representou-se a quantidade dos homicídios e a territorialização de sua ocorrência, e verificou-se a relação entre gênero, cor/raça, idade, local de moradia das vítimas, com o intuito de produzir elementos de interpretação e explicação, que possam auxiliar na construção de políticas de segurança pública, que sejam mais pontuais e eficazes na diminuição dos índices de homicídios.

2 PARÂMETROS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1 DIFERENÇAS DE GÊNEROS

Classificar uma pessoa como sendo do sexo masculino ou feminino pode estar relacionado à questão biológica ou com qual genital a criança nasceu. Já gênero é um conceito cultural e social, que vem sendo construído ao longo da história da humanidade:

Estudar as relações de gênero implica em compreender as formas como os indivíduos ocupam e produzem seus espaços na sociedade. Essas são representadas a partir de imputações de características e padrões estabelecidos por estereótipos criados cultural e historicamente, as quais culminam em limitações estabelecidas ao gênero masculino e feminino (LOPES, 2014, p. 156-157).

Gênero é aqui entendido segundo definição de Scott (1991, p. 21): “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Portanto, neste conceito não há uma naturalização das distinções atribuídas aos homens e mulheres baseadas em uma invocação à natureza, ao sexo com que se nasce. Opõe-se, assim, a redução da ligação direta entre sexo e gênero, e abre um leque de perspectivas para a vida corpórea (BUTLER, 2003). Entretanto, para o fim dessa pesquisa, devido os dados estarem separados por sexo masculino e feminino, e não recorrermos a outras fontes de dados como questionários ou entrevistas para falarmos das relações de gênero, consideraremos os papéis de gênero tal qual o movimento feminista trabalhou na década de 1980, qual seja: o “sexo é natural e [o] gênero é construído” (BUTLER, 2003, p. 179), mesmo sabendo do seu avanço e maior complexidade (RODRIGUES, 2005; PARDINA, 2012; PISCITELLI, 2005).

Segundo a concepção de gênero trabalhado na década de 1980 pelos movimentos feministas, a criança ao nascer, a depender de qual genital apresentar biologicamente, socialmente será classificada como mulher ou homem, e junto com essa classificação virá uma série de comportamentos culturalmente construídos sobre o que seria próprio do sexo feminino ou do masculino. Se for homem, por exemplo, em dado lugar/tempo, poderá ser visto e/ou deverá se comportar como forte, destemido, agressivo e poderoso, e se for mulher deverá ser fraca, delicada, submissa e passiva. Enfim, a mulher e o homem estarão sujeitos a cobranças sociais de comportamentos, tidos como tipicamente femininos ou masculinos (PISCITELLI, 2005).

No caso das mulheres, segundo Silva (2003, p. 33): “[...] essas diferenças são resultado de um conjunto de elementos reveladores da opressão das mulheres pelos homens em diferentes lugares e em diferentes tempos”. Isso fez com que as mulheres fossem historicamente criadas em um espaço diferente do dos homens. Na sociedade patriarcal (THERBORN, 2014), o espaço da mulher era dentro do lar, da casa – a mulher pertencia ao lar e ao homem; o do homem era fora da casa, trabalhando para sustentar a família, sujeitando-se aos riscos do trabalho. Isso ocasionou que os homens ficaram mais sujeitos aos riscos do trabalho fora de casa do que as mulheres, sendo esse um dos fatores que vem contribuindo para que as taxas das vítimas de homicídios do sexo masculino sejam muito superiores do que a do sexo feminino, segundo alguns estudos (SOARES FILHO, 2011; VALLIN, 2004).

Os homens são incentivados a se expor a riscos: uso de carros em alta velocidade, esportes radicais, profissões perigosas. Já as mulheres são levadas a se adaptar a ambientes mais fechados, supostamente protegidos (MARQUES, 2016). E, mesmo atualmente, em que estes comportamentos socialmente definidos estão em profunda transformação e questionamentos, ainda há diferenças de perspectivas de vida entre homens e mulheres, sendo os homens mais suscetíveis a mortes violentas (VALLIN, 2004). Por isso,

Os estudos sobre gênero se enquadram na geografia justamente pelo fato de essas formas de relações estarem presentes na dinâmica de produção do espaço a partir das relações sociais, que se modificam constantemente e interferem na configuração socioespacial a que pertencem (LOPES, 2014, p. 157).

Os dados produzidos pelo DATASUS (1999 - 2013) sobre as vítimas de homicídios no município de Itabuna representam ou indicam as diferenças de gênero, nos termos aqui propostos.

2.2 A RACIALIZAÇÃO DA COR

A categorização das pessoas por cor não garante a transformação desse traço fenotípico em superior ou inferior. Isso ocorre por meio das relações de poder em que a dominação de um grupo por outro, num processo de distinção e inferiorização, coloca o outro como inferior. Para justificar essa dominação recorrem a diversos mecanismos, incluindo a cor da pele como elemento distintivo (IANNI, 1996). Podem recorrer a outros traços físicos ou mesmo culturais para fazer a separação e hierarquização. Assim, “[...] a racialização – o processo de essencializar um grupo étnico – pode ser positiva ou negativa, ou talvez uma mistura dos dois. Geralmente grupos que racializam outros de maneira negativa também racializam a si mesmos de forma positiva” (MONSMA, 2013, p. 6). Com a finalidade, dentre outras, de conhecer melhor com essas relações se dão no Brasil, o IBGE criou critérios para identificar a cor dos brasileiros, que são os usados pelos médicos legistas para categorizar as vítimas de homicídios.

[...] de acordo com o critério do IBGE, a raça/cor é autodenominada pelo entrevistado entre cinco categorias pré-codificadas (branca, preta, amarela, parda e indígena); para a vítima de homicídio, por sua vez, a raça/cor é atribuída pelo médico legista entre as cinco categorias acima citadas (KILSZTAJN et al., 2005, p. 1409).

Segundo Soares Filho (2011), os negros com maior risco de serem vítimas de violência são homens, jovens, solteiros, de famílias com menor renda e moradores de áreas urbanas periféricas. De acordo com o Mapa da Violência, elaborado por Waiselfisz (2013), o Brasil é referência nos casos de homicídios de pessoas com idades entre 15 e 29 anos, ocupando a sexta posição numa lista com 91 países, incluindo países como Guatemala, El Salvador e Colômbia.

A evolução e os determinantes da taxa de homicídio têm sido abordados com destaque na literatura nacional e internacional em várias áreas do conhecimento. A relação entre mortalidade por homicídio e raça, especificamente, tem também constituído objeto de estudo de várias pesquisas (KILSZTAJN et al., 2005, p.1408).

Para Soares Filho (2011), a América Latina possui as maiores taxas de violência do mundo, superando a Europa e com taxas um pouco maiores que as da África Subsaariana. Noronha et al. (1999) destacam que, entre os países americanos a violência vem se despontando como um problema emergente de saúde pública. Particularmente no Brasil, a violência (intencional e acidental) é, atualmente, a segunda causa mais frequente de morte, sendo os homens jovens e negros da periferia as principais vítimas dessa violência.

2.3 RELAÇÃO ENTRE HOMICÍDIOS E FAIXA ETÁRIA

De acordo com Waiselfisz (2013), com uma taxa de 27,4 homicídios por 100 mil habitantes e 54,8 por 100 mil jovens que têm entre 15 e 24 anos, o Brasil ocupa a sétima posição no conjunto dos 95 países do mundo com dados homogêneos, fornecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre os anos 2007 a 2011. A magnitude e o crescimento nas taxas de mortalidade por homicídio entre jovens são de especial importância, dado o seu forte impacto social.

Segundo Reichenheim et al. (1994), quando a morte ocorre numa etapa da vida de alta criatividade e produtividade, como é a adolescência e a juventude, não só pune o indivíduo e o grupo que lhe é próximo, mas também priva a coletividade de seu potencial intelectual e econômico. A população fica privada da juventude, da criatividade e da novidade que os jovens sempre buscam.

No Brasil, a introdução de crianças e jovens carentes ao tráfico de drogas é um processo facilitado por aparentes vantagens imediatas. A ideia de dinheiro fácil, a ilusão do poder através do porte de arma, a imagem do bandido-herói, a falta de outras oportunidades no mercado de trabalho e a vontade de se expor ao perigo e à aventura atraem fortemente os adolescentes de baixa renda a este tipo de atividade (SZWARCOWALD; CASTILHO, 1998, p. 168).

O tráfico e o consumo de drogas contribuem fortemente para a participação de jovens brasileiros no ciclo perverso de homicídios, quer sejam como agressores ou como vítimas da violência. Os traficantes de drogas encontram nos jovens uma mão-de-obra barata e disponível para seus “negócios” que envolvem uma rede de ações criminosas como o roubo, os jogos de azar, a exploração sexual, a extorsão e o comércio ilegal de armas (DAYRELL; CARRANO, 2003).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 ITABUNA NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

O processo de urbanização no Brasil ocorreu de maneira rápida e desordenada, ao longo do século XX, com a grande migração da população, que trocou o meio rural pelas novas oportunidades oferecidas pelas cidades (ALONSO, 2015). O município de Itabuna está localizado no Sul da Bahia, como é apresentado na Figura 1. Distante da capital do Estado, Salvador, cerca de 426 quilômetros. Possui um território de 432,244 km² e uma população estimada de 220.386 habitantes (IBGE 2016), sendo que a densidade demográfica é de 473,50 hab/km²s, segundo o último censo do IBGE (2010).

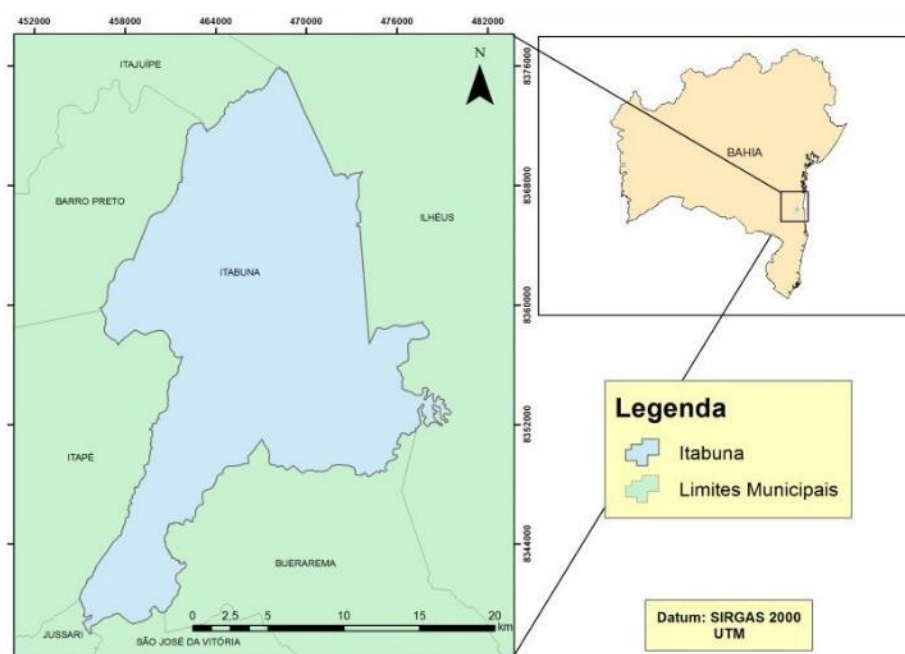


Figura 1: Mapa de localização de Itabuna, sul da Bahia.

Fonte: SEI/BA, 2015.

Segundo Rocha (2003, p. 45 apud Silva, 2013, p. 2) desde a época que ainda era chamado de Arraial de Tabocas, já tinha iniciado o seu processo de urbanização. Localizada no extremo-sul baiano, na microrregião Ilhéus-Itabuna, se desenvolveu em função da produção e comércio do cacau, cuja planta se adaptou muito bem em meios às árvores da Mata Atlântica do sul da Bahia. Sua história relaciona-se com o município de Ilhéus até 1906, quando fazia parte da sua área territorial, só conquistando sua emancipação política no ano de 1910.

De acordo com dados do Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2010), a Bahia ocupa o 22º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no Brasil, em um total de 27 Unidades da Federação. No Brasil, o município de Itabuna se classifica em 1.546º lugar, em um universo de 5.565 municípios.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma média que leva em consideração três indicadores do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano.

Em 2010, o município de Itabuna obteve uma média de 0,712, (entre 0,700 – 0,799 o PNUD considera um IDHM alto). Para efeito de comparação, o município de São Caetano do Sul (SP) primeiro colocado no IDHM, obteve uma média de 0,862 e Melgaço (PA), último colocado, uma média de 0,418 (PNUD, 2010).

Os dados apresentados na Tabela 1 sobre a população total, rural e urbana nos anos de 1991, 2000 e 2010, considerando as três escalas geográficas – Brasil, Bahia e Itabuna – mostram como as populações rurais vêm diminuindo ao longo dos anos, reflexo de intensas transformações na sociedade brasileira.

Tabela 01 - População total, rural e urbana do Brasil, da Bahia e de Itabuna (1991, 2000 e 2010)

| | População | | |
|---------|------------|-------------|-------------|
| | Rural | Urbana | Total |
| | 1991 | | |
| Brasil | 35.834.485 | 110.990.990 | 146.825.475 |
| Bahia | 4.851.221 | 7.016.770 | 11.867.991 |
| Itabuna | 7.147 | 177.561 | 184.708 |
| | 2000 | | |
| Brasil | 31.844.926 | 137.953.959 | 169.798.885 |
| Bahia | 4.297.902 | 8.772.348 | 13.070.250 |
| Itabuna | 4.789 | 191.184 | 195.973 |
| | 2010 | | |
| Brasil | 29.830.007 | 160.925.792 | 190.755.799 |
| Bahia | 3.914.430 | 10.102.476 | 14.016.906 |
| Itabuna | 5.024 | 199.643 | 204.667 |

Fonte: ATLAS BRASIL, 2013.

Na busca por melhores condições de vida, as populações rurais migram de regiões que oferecem baixas condições de sustentabilidade socioeconômicas e ambientais para outras onde as perspectivas são melhores. Com a crise do cacau na região onde se localiza Itabuna e uma série de transformações no Brasil, esse fluxo migratório (campo-cidade) se deu com maior intensidade entre 2000 - 2010. Itabuna é hoje o 5º (IBGE, 2014) município mais populoso do Estado da Bahia, só perdendo para Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista e Camaçari.

Com a diminuição da população na zona rural houve a concentração da população na sede do município, ocasionando um crescimento desordenado, característico dos espaços voltados às pessoas de baixa renda, visto que estas não têm condições de acesso aos locais mais dotados de infraestrutura. O êxodo rural, a urbanização acelerada, a violência a que o Estado submete a população mais fragilizada pelas condições econômicas, os processos permanentes de transferência de renda dos pobres para os ricos, são alguns fatores que contribuem para o aumento da violência em Itabuna (RANGEL, 2013).

Tradicionalmente, a violência costuma ser relacionada à pobreza, a exclusão social, a omissão do Estado, ausência de serviços públicos urbanos e ao próprio processo de urbanização que cria os enclaves de pobreza e as periferias. A complexidade e o crescimento da violência nas cidades têm levado a considera-la como o resultado da junção de todos esses aspectos, facetas do processo social. E no território que esses diferentes aspectos do processo social se articulam, se interpenetram, se completam e se contradizem. Admite-se então que a violência também se territorializa. (FERREIRA; PENNA, 2005, p. 157).

Entretanto, no caso de Itabuna, o aumento da criminalidade não deve ser associado somente à saída dos pobres da zona rural e sua concentração no espaço urbano, principalmente nas áreas periféricas, de menor valor econômico, social, ambiental, e desprovidas dos serviços básicos estatais. Deve-se levar em consideração também a localização estratégica de Itabuna frente à distribuição e tráfico de drogas, visto esta ser cortada pela rodovia federal BR 101, que liga o Sul ao Nordeste do Brasil e serve como entroncamento para várias cidades regionais (RANGEL, 2013) e das transformações no mundo do trabalho, da ciência e tecnologia no Brasil (BRITO; PINHO, 2012).

3.2 QUANTIFICAÇÕES DOS ÓBITOS POR CAUSAS EXTERNAS EM ITABUNA (1991 – 2010)

Os dados apresentados na Tabela 2 mostram como se deu o aumento do número de óbitos por causas externas no Brasil, na Bahia e em Itabuna, em termos absolutos e relativos, ou seja, os dados são apresentados em dados brutos, mas também em porcentagem para cada 100 mil habitantes. De um modo geral esse aumento não é uma exclusividade do município de Itabuna, mas é um fenômeno generalizado no Brasil, que vem acompanhado do processo de urbanização. Esses dados conflitam com o discurso do senso comum local, já estabelecido, de que o aumento das vítimas de homicídios em Itabuna é decorrente exclusivamente da crise cacauera, sendo, portanto, um fenômeno local. Entretanto, cabe observar que no caso dos óbitos por causas externas, em termos relativos, Itabuna obteve maiores porcentagens nos anos de 1991, 2000 e 2010, comparativamente ao Brasil e Bahia, apontando certa singularidade.

Tabela 02 – Óbitos por causas externas no Brasil, na Bahia e em Itabuna (1991- 2010).

| | 1991 | | 2000 | | 2010 | |
|---------|---------|------|---------|------|---------|------|
| | Óbitos | % | Óbitos | % | Óbitos | % |
| Brasil | 102.023 | 0,69 | 118.397 | 0,75 | 143.256 | 0,75 |
| Bahia | 5.085 | 0,43 | 6.324 | 0,48 | 12.184 | 0,87 |
| Itabuna | 130 | 0,70 | 172 | 0,88 | 285 | 1,39 |

Fonte: SIM – Ministério da Saúde.

O Mapa da Violência de 2015 (WAISELFISZ, 2015) coloca Itabuna entre os 10 municípios brasileiros mais violentos para pessoas com até 29 anos, o que não difere muito dos dados do Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência em 2014, que aponta que vítimas de violência se encontram na faixa de 15 a 29 anos. No Mapa da Violência de 2016, homicídios por armas de fogo no Brasil (WAISELFISZ, 2016), Itabuna está em 13º lugar entre os 150 municípios com mais de 10.000 habitantes, com maiores taxas médias no Brasil.

A taxa de homicídios por arma de fogo em Itabuna naquele ano ficou em 81,2 para cada 100 mil habitantes. Considerando que para a ONU, o índice aceitável seria de 10 mortes violentas para cada 100 mil habitantes, Itabuna está muito acima.

3.3 UMA POPULAÇÃO MISCIGENADA

O Brasil não é um país negro, nem tampouco branco, é composto por uma mistura de raças, cores, de povos oriundos dos mais diversos locais do mundo, o que não impede de algumas regiões possuírem um maior número de negros, brancos, pardos. A Bahia, por exemplo, é o Estado com maior percentual de negros no país, cerca de mais de 70% da população, o que poderia explicar o fato da maioria das vítimas de homicídios serem da cor negra, mas sabemos que apenas esse dado não é suficiente para explicar o grande número de pretos vítimas de homicídios no Estado, diversos outros fatores devem ser levados em consideração.

A cor/raça é uma característica declarada pelas pessoas de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena, dadas pelo IBG E no momento do censo demográfico. Segundo este critério a população negra de Itabuna (Tabela 3) é de 76,66% da população total. Cabe ressaltar que para formar a classificação de negros, é comum que seja somada a população preta à população parda para a formação de um grupo. Portanto, usar o termo preto não é equivalente a usar a categoria negro, que pode incluir os pardos.

Tabela 03 - Percentual de pessoas, de acordo com a cor, residentes no Brasil, na Bahia e em Itabuna (1991, 2000 e 2010)

| | Branca | Negra |
|---------|--------|-------|
| Local | 1991 | |
| Brasil | 51,56 | 47,45 |
| Bahia | 20,21 | 79,13 |
| Itabuna | 17,17 | 82,19 |
| | 2000 | |
| Brasil | 53,74 | 44,66 |
| Bahia | 25,2 | 73,16 |
| Itabuna | 24,91 | 72,86 |
| | 2010 | |
| Brasil | 47,51 | 50,94 |
| Bahia | 21,98 | 76,42 |
| Itabuna | 22,14 | 76,66 |

Fonte: Censos Demográficos IBGE (1991, 2000, 2010).

O percentual declarado das pessoas de acordo com a cor/raça é importante para que possamos comparar com o percentual de vítimas de homicídio e assim termos uma noção se está havendo discriminação, visto que somente a quantidade de vítimas por cor/raça não indica a correlação entre cor/raça/homicídios.

3.4 ÓBITOS EM ITABUNA POR RAÇA/COR (1996 – 2013)

As diferenças de mortalidade entre os brancos e pretos são significativas em todos os anos analisados. É importante observar que o número de pretos, vítimas de homicídios, aumentou consideravelmente, enquanto o número de brancos ficou estável. Entre os anos 1996 e 2003 a quantidade de dados informados como ignorados é bastante expressiva, o que pode afetar a análise dos dados, porém, mesmo que esses números fossem de vítimas de cor branca ainda assim seriam menores em relação aos pretos.

A Tabela 4 representa o percentual de vítimas em Itabuna e sua relação com a raça/cor da vítima utilizando todos os critérios do IBGE.

Tabela 04 - Percentual de vítima por raça/cor em Itabuna (2010)

| | Total | População (%) | Vítimas | Vítimas |
|----------|--------------|----------------------|----------------|----------------|
| Amarela | 1.642 | 0,8 | 0 | 0 |
| Branca | 45.215 | 22,09 | 16 | 5,61 |
| Indígena | 741 | 0,36 | 0 | 0 |
| Parda | 127.980 | 62,53 | 235 | 82,46 |
| Preta | 29.089 | 14,21 | 33 | 11,58 |
| Ignorado | 1 | 0 | 1 | 0,35 |
| | 204.668 | 100 | 285 | 100 |

Fonte: IBGE, 2010; DATASUS.

De acordo com os dados, 22% da população do município de Itabuna é branca e somente 5,61% do total de vítimas do município são desta cor. A população preta é de 14,21% e dos homicídios ocorridos, 11,50% foi de pretos. A população autodenominada parda é maioria, 62,53%, e também a maior parte das vítimas, (82,46%). Se somarmos pretos e pardos, fica mais evidente o maior percentual de homicídios dos negros em Itabuna.

Em Itabuna está havendo um grau muito maior de violência contra os pretos e pardos, indicando uma seletividade recorrente de homicídios nesta população. Sendo assim, as políticas públicas devem ser voltadas para este público, considerando a variável - a cor da pele.

Não se trata de discutir se existe ou não discriminação racial no Brasil, esse dado já foi amplamente constatado. Faz-se necessário, portanto, passarmos para uma outra esfera de preocupação: dar visibilidade ao fenômeno e buscar romper as barreiras que impedem os passos iniciais para a constituição de uma sociedade que não discrimine pluralidade de credos, cores/raças, estratos sociais, entre outras (OLIVEIRA, 1998, p. 37).

O mito da democracia racial dificultou a visão de que no Brasil há tanto o preconceito social quanto o racial: “É preciso reconhecer que um mergulho na história social do Brasil mostra que durante a escravatura formou-se uma poderosa cultura racista” (IANNI, 2004b, p. 11). Essa cultura ainda reverbera na sociedade itabunense, como os dados demonstraram.

3.5 QUANTIDADE DE HOMICÍDIOS POR GÊNERO (MASCULINO E FEMININO) EM ITABUNA (1990 – 2013)

A Figura 2 representa a quantidade de homicídios por gênero (masculino e feminino) ocorridos em Itabuna nos anos de 1990 a 2013.

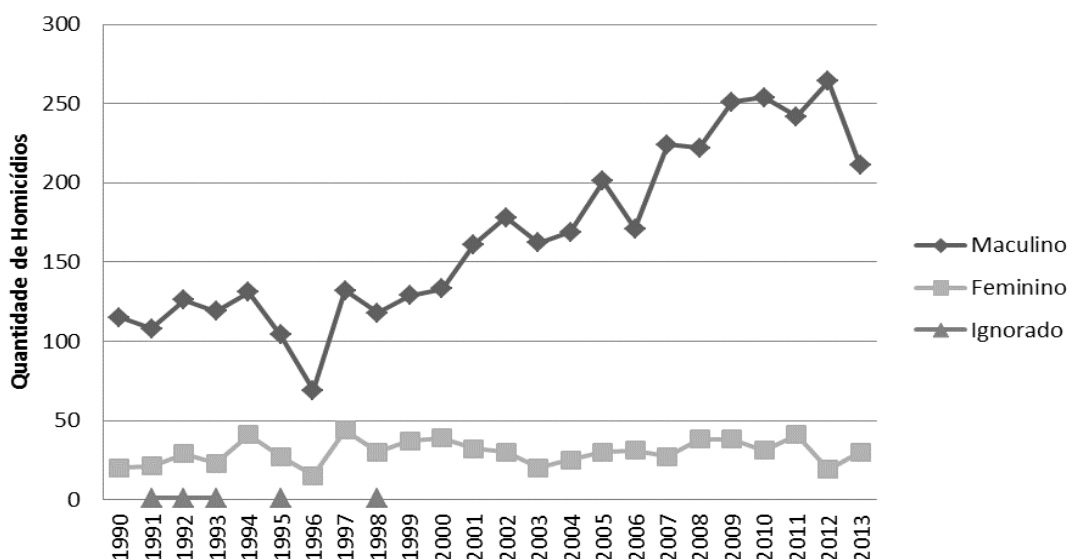


Figura 2: Óbitos por gênero (masculino e feminino) em Itabuna (1990-2013)

Fonte: DATASUS – SIM – Ministério da Saúde.

Os dados evidenciam que são os homens as principais vítimas de homicídios e que esse número vem aumentando ao longo dos anos, enquanto os óbitos do sexo feminino se mantiveram na mesma proporção. A diferença entre os números de óbitos femininos e masculinos decorrentes de homicídios é bastante expressiva. Evidencia-se, portanto, que os homens são as principais vítimas da violência e homicídios e isto se dá tanto em razão dos

homens se colocarem mais em situações de vulnerabilidade, maior disposição para o embate, maior envolvimento com tráfico e crime organizado como vimos no tópico 2.2. Assim, os homicídios em maior número têm cor, gênero e idade.

3.6 QUANTIDADE DE HOMICÍDIOS POR FAIXA ETÁRIA EM ITABUNA (2000 – 2013)

Em Itabuna, a maior frequência dos homicídios encontra-se entre os adolescentes e adultos jovens, incluídos na faixa etária de 15 a 29 anos, consistindo como perfil dominante das vítimas como demonstrar a Figura 3.

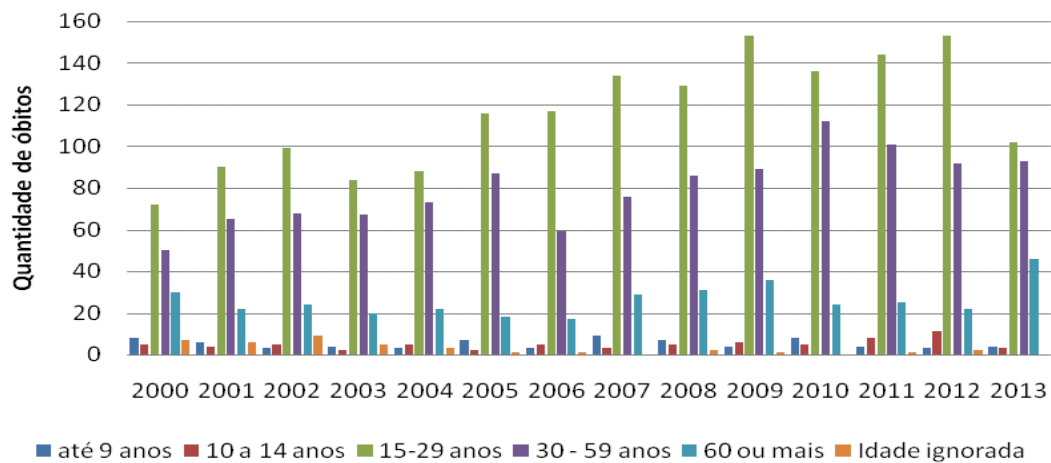


Figura 3: Óbitos por faixa etária (2000 – 2013)

Fonte: DATASUS – SIM – Ministério da Saúde.

O Mapa da Violência 2015 coloca Itabuna na 11ª posição dos municípios brasileiros mais violentos para pessoas com até 29 anos. O número de homicídios de jovens em Itabuna revela a necessidade de mais políticas públicas voltadas para o combate ao tráfico de drogas, que também está diretamente relacionado com os indicadores apontados.

3.7 ESPACIALIZAÇÃO DA CRIMINALIDADE EM ITABUNA (2013 – 2015)

Inicialmente, para espacializar os padrões de criminalidade ocorridos no perímetro urbano de Itabuna nesse período, foram criados mapas temáticos utilizando um estimador de densidade simples em uma plataforma SIG (Sistema de Informações Geográficas) combinado com os dados de ocorrências criminais disponibilizados pela 6ª Coordenadoria Regional de Polícia do Interior (COORPIN) afim de se obter uma amostra visual para facilitar a análise dessas ocorrências.

Assim, a Figura 4 apresenta a densidade de crimes distribuídos nos bairros de Itabuna. É possível notar que cinco bairros configuram uma zona de concentração da criminalidade na cidade de Itabuna, uma área cuja presença do tráfico de drogas e do conflito entre grupos que disputam o território é bastante expressiva, são eles: Califórnia, São Caetano, Santo Antônio, Pedro Jerônimo e Fátima, que juntos representam 199 ocorrências registradas nesses três anos, que teve um total de 653 casos. Não obstante, de tempos em tempos, as comunidades desses bairros assistem a alguns rearranjos de poder dentro da estrutura local do tráfico de drogas, que acontecem devido ao surgimento ocasional de novas quadrilhas, que tentam tomar o poder dos grupos já instalados (SANTOS, 2012).

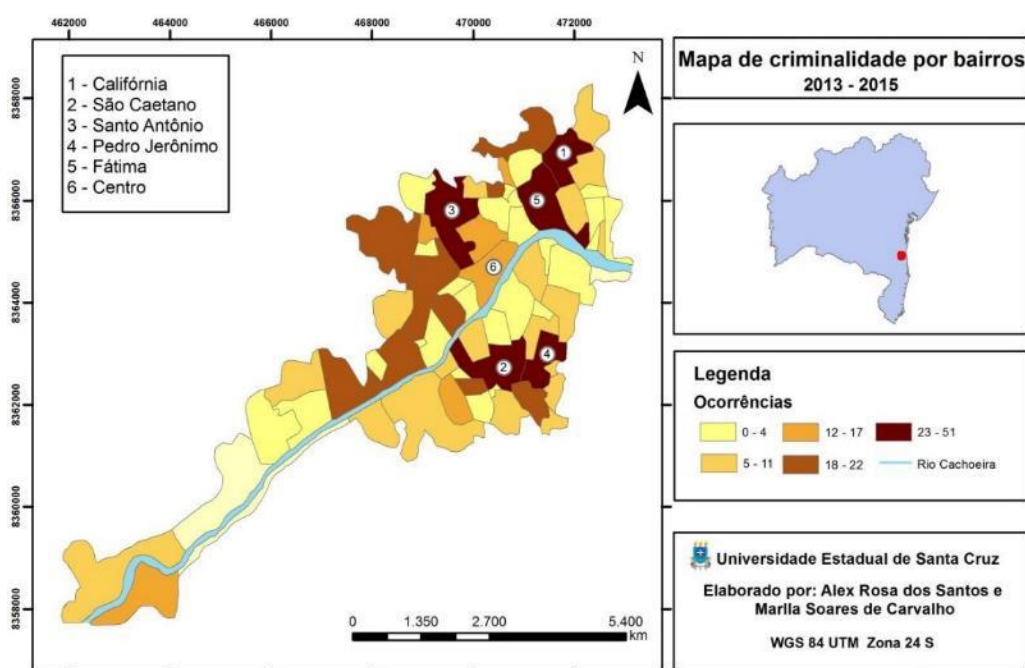


Figura 4: Mapa da criminalidade de Itabuna (2013 – 2015)

Fonte: 6ª COORPIN (Setor de Estatística).

Na Figura 5, destacamos os bairros onde há maior quantidade de registros de criminalidade. A cidade conta com cerca de 63 bairros, sendo que em onze deles (Alto Maron, Berilo, Castália, Góes Calmon, Jardim Alamar, Monte Líbano, Parque Verde, Parque Florestal, Santa Catarina, Santa Rita e Vila Paloma) não há casos registrados.

Em uma análise mais detalhada sobre a desses territórios, observa-se que no entorno de grandes bairros como o Califórnia, o Santo Antônio e o São Caetano existe a formação de verdadeiros enclaves territoriais do tráfico de drogas (transformados em zonas de irradiação da criminalidade violenta), isto porque estes bairros estão adensados por grandes favelas, nas quais as casas de alvenaria misturam-se aos barracos construídos nas encostas dos

morros de topografia inadequada à sua ocupação para moradia, mas que se constituem áreas extraordinariamente vantajosas para a instalação do comércio de drogas, haja vista a dificuldade criada para incursões da polícia (SANTOS, 2012).

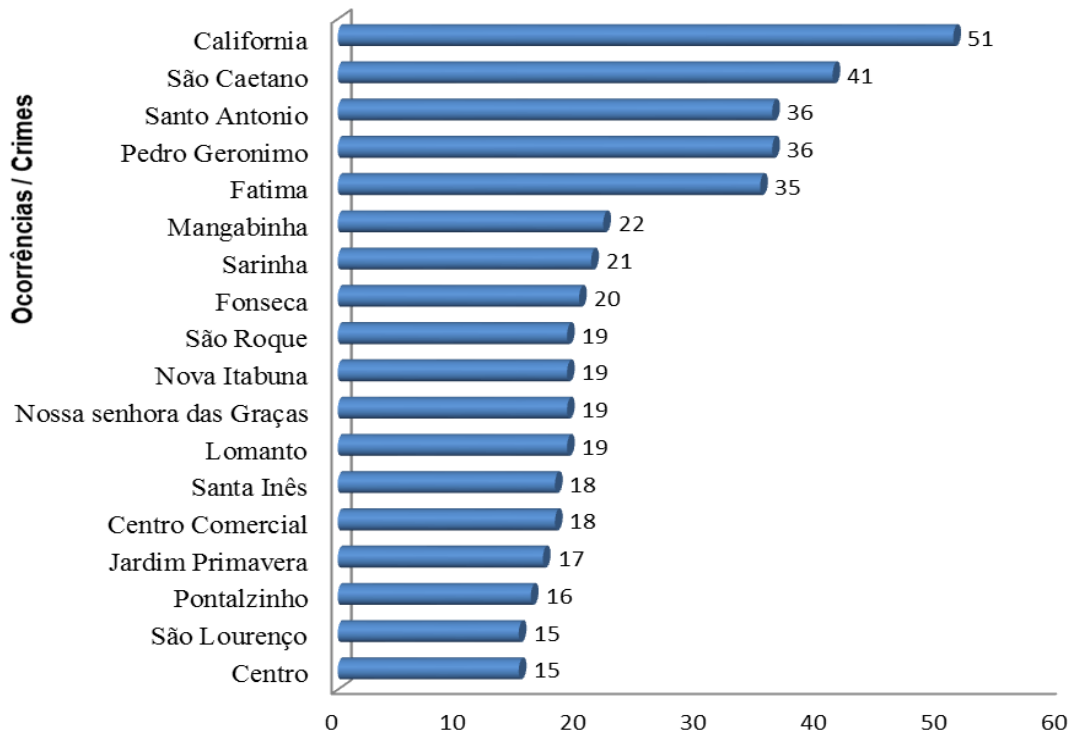


Figura 5: Bairros mais violentos em números de criminalidade em Itabuna (2013 – 2015)

Fonte: 6ª COORPIN (Setor de Estatística)

O conjunto de dados na Tabela 5, mostra que as ocorrências registradas pela 6ª COORPIN no período entre janeiro de 2013 a setembro de 2015, concentraram-se sobretudo, nas Zonas Norte, Noroeste e Sul e Sudeste de Itabuna. Para cada Zona temos os bairros que mais se destacam. Na Zona Norte: Califórnia, Nova Califórnia e Santa Inês; Nordeste: Fatima; Noroeste: Santo Antônio, Novo Horizonte e São Lourenço; Oeste: Mangabinha e Manuel Leão; Sudoeste: Nova Ferradas e Ferradas; Sul: São Caetano e Sarinha; Sudeste: Pedro Jerônimo, São Pedro e Maria Pinheiro.

Constatamos assim, que os crimes são mais concentrados em determinadas zonas/bairros da cidade, em espaços onde uma série de eventos, certas condições sociais e econômicas, associadas a uma evolução particular, favorecem o aumento da criminalidade violenta. Em geral esses espaços são aqueles destituídos de serviços e equipamentos públicos ou precariamente atendidos (salvo raras exceções), com elevada densidade demográfica, onde as relações podem ser tensas, os grupos podem fazer valer a lei do silêncio e operarem diversas atividades criminosas, mediante a falta de segurança pública. São, portanto, locais

em que a população sofre a violência do Estado, que os particularizam pela falta dos equipamentos básicos, e pela falta de segurança em sentido amplo. Assim, são as condições sociais, econômicas, políticas e estruturais que competem decisivamente para o aprofundamento de um grave problema da discriminação por cor/gênero.

Tabela 05 - Total de homicídios por zonas do município de Itabuna (2013-2015)

| Zonas | Total de Ocorrências |
|--------------|----------------------|
| CENTRO | 15 |
| NORTE | 103 |
| NORDESTE | 52 |
| NOROESTE | 114 |
| OESTE | 48 |
| LESTE | 21 |
| SUDOESTE | 85 |
| SUL | 114 |
| SUDESTE | 101 |
| TOTAL | 653 |

Fonte: 6ª COORPIN (Setor de Estatística)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos nesta pesquisa confirmam as hipóteses levantadas no início do trabalho, ou seja, há uma maior incidência de vítimas de homicídios entre os jovens, pobres, negros e homens e observou-se também que esse não é um fenômeno isolado, particular da cidade de Itabuna, mas ele se repete/reflete no estado da Bahia e no Brasil inteiro, como decorrente do *modus operandi* do Estado para com os bairros ocupados por uma população de baixa renda: falta de equipamentos, de segurança e de políticas públicas.

O que os mapas evidenciam é o fato de que a distribuição da criminalidade está bem generalizada nas diversas zonas da cidade e algumas delas se destacam (bem como alguns bairros que as compõem), no sentido de apresentarem a maior densidade dos registros de ocorrências. Assim, o mapa da criminalidade 2013-2015 revela que os maiores registros ocorreram nas Zonas Norte, Noroeste e Sul e Sudeste de Itabuna. Tal como se discutiu no decorrer do trabalho, as zonas que apresentaram as maiores densidades de crimes concentram uma série incapacidades do Estado em fomentar políticas públicas e serviços públicos, como o de segurança, possibilitando a entrada de redes de tráfico e incivildades que, associadas a uma evolução particular favorecem a eclosão da criminalidade.

Quando se olha a linha de crescimento de homicídios no Brasil, a conclusão imediata é que o crescimento das mortes está muito sustentado no jovem negro. Os resultados demonstram que mais de 70% da população do município de Itabuna são negros (pretos e pardos) e os que morrem vítima de homicídio ultrapassam este percentual (dados de 2010). O perfil das vítimas de homicídios são os jovens, negros, homens, com idade entre 15 – 29 anos e representa 80% das vítimas. Portanto, em Itabuna está havendo um grau maior de violência neste segmento social, indicando uma seletividade recorrente de homicídios na população. Sendo assim, as políticas públicas devem ser voltadas também para este público, considerando as variáveis cor da pele, idade e gênero.

As consequências do preconceito associado a estes jovens e aos territórios das favelas e das periferias devem ser debatidas e repudiadas. Há a necessidade de políticas públicas voltadas para redução das desigualdades sociais como foco principal da redução da violência.

5 REFERÊNCIAS

ALONSO, Suelen. Urbanização no Brasil. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/brasil/urbanizacao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 10 set. 2015.

ANDRADE, Thompson; SERRA, Rodrigo Valente. Análise do desempenho produtivo dos centros urbanos brasileiros no período 1975/2000. **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001, p. 79-127.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

BRITO, Fausto Alves de; PINHO, Breno Aloísio T. Duarte de. **A dinâmica do processo de urbanização no Brasil, 1940-2010**. Belo Horizonte, UFMG/CEDEPLAR, 2012.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo Cezar. **Jovens no Brasil - difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. 2003. Disponível em: <http://formacaoredefale.pbworks.com/f/Jovens+no+Brasil_Dif%C3%ADceis+Travessias_Paulo+Carrano.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015.

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa & PENNA, Nelba Azevedo. Território da violência: Um olhar geo Figura Sobre a Violência. **URBANA GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 18, pp. 155 - 168, 2005.

IANNI, Octavio. A racialização do mundo. **Tempo social**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-23, 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v8n1/0103-2070-ts-08-01-0001.pdf>> Acesso em: 26 jan. 2015.

_____. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 21-30, 2004a.

_____. O preconceito racial no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n. 50, p. 11, 2004b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a02v1850.pdf>> Acesso em: 31 jan. 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 1991**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>> Acesso em: 30 dez. 2015.

_____. **Censo 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

_____. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 30 dez. 2015.

_____. **Censo Populacional 2014**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/235ON>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

_____. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Pesquisa das Características Étnico-raciais da População**, 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

_____. **Características Étnico-raciais da População**: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/notas_tecnicas.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.

_____. IBGE Cidades. **Itabuna**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ba/itabuna/panorama>. Acesso em: 01 mai 2017.

KILSZTAJN, Samuel et al. Vítimas da cor: homicídios na região metropolitana de São Paulo, Brasil, 2000. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1408-1415, 2005.

LOPES, Luciane Gomes. Gênero como categoria condicionante de delimitações espaciais: uma análise da trajetória feminina na pós-graduação e produção do conhecimento. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, PR, v. 6, n. 1, p. 154-168, 2014.

MONSMA, Karl. Racialização, Racismo e Mudança: Um ensaio teórico, com exemplos do pós-abolição paulista. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal, **Anais...** Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364748564_ARQUIVO_Monsmatrabalho.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015.

MOURA, Cláudio Luiz de Araújo. **Homicídios no estado da Bahia**: determinantes socioeconômicos e ambientais no período de 2000 a 2009. Dissertação (Mestrado em Modelagem em Ciências da Terra e Ambiente) - Universidade Estadual de Feira de Santana-BA, Programa de Pós-Graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente, Feira de Santana, 2012.

NORONHA, Ceci Vilar et al. Violência, etnia e cor: um estudo dos diferenciais na região metropolitana de Salvador, Bahia, Brasil. **Revista Panamericana Salud Pública**, Washington, USA, v. 5, n. 4-5, p. 268-277, 1999.

PARDINA, Teresa López. **De Simone de Beauvoir a Judith Butler**: el género y el sujeto. Publicado em 2012. Disponível em: <http://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/46341/101-107.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24/03/2017.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero**: a história de um conceito. 2005. Disponível em: <http://docs11.minhateca.com.br/303665532,BR,0,0,PISCITELLI,-Adriana.-G%C3%AAnero,-a-hist%C3%B3ria-de-um-conceito.pdf>>. Acesso: 1 mai 2017.

PNUD. **Ranking IDHM Unidades da Federação**. 2010. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDHM-UF-2010.aspx>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

RANGEL, Maria Cristina. **A crise do território-região cacauieira da Bahia**: os nós discursivos nas tramas do poder local para manter o território – 1980-2010. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2013.

REICHENHEIM, Michael Eduardo et al. Anos potenciais de vida perdidos no Rio de Janeiro, 1990: As mortes violentas em questão. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 188-98, 1994.

Relatório Mundial sobre a Prevenção da Violência 2014. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/145087/15/WHO_NMH_NVI_14.2_por.pdf. Acesso em: 02 fev. 2016.

ROGRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

SANTOS, Alan Azevedo Pereira dos. **Diagnóstico da violência e criminalidade em Itabuna – BA**. 2012. Disponível em: <<http://paginadepolicia.com/diversos/securedownload.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1991.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Municípios em síntese. Disponível em: <<http://www.sei.ba.gov.br>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

SILVA, Alessandro dos Santos. História & Cidade: alguns aspectos na urbanização de Itabuna-BA. (1960-80). In: Seminário Cultura e Política na Primeira República: Campanha Civilista na Bahia – UESC, 9 a 11 de junho de 2010, Ilhéus, BA. **Anais (on-line)**. Ilhéus, 2010. Disponível: <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/alessandrosilva.pdf>. Acesso em 26/04/2017.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SOARES FILHO, Adauto Martins. Vitimização por homicídios segundo características de raça no Brasil. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 745-755, 2011.

SZWARCWALD, Célia Landman; CASTILHO, Euclides Ayres de. Mortalidade por armas de fogo no estado do Rio de Janeiro, Brasil: uma análise espacial. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 4, n. 3, p.161-170, 1998.

THERBORN, Göran. Os campos de extermínio da desigualdade. **Novos Estudos-CEBRAP**, São Paulo, n. 87, p. 145-156, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n87/a09n87.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

_____. **Sexo e poder: a família no mundo, 1900 - 2000**. São Paulo: Contexto, 2014.

VALLIN, Jacques. Mortalidade, sexo e gênero. In: PINNELLI, A. (Org.). **Gênero nos estudos de população**. Campinas: Abep, 2004. p. 15-54 (Coleção Demographicas, 2).

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2010. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2010/MapaViolencia2010.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2015.

_____. **Mapa da Violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro; Brasília: CEBELA; FLACSO, 2012. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2015.

_____. **Mapa da violência 2013: homicídios e juventude no Brasil**. Rio de Janeiro; Brasília: CEBELA; FLACSO, 2013. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2015.

_____. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro; Brasília: CEBELA; FLACSO, 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2015.

_____. **Mapa da Violência 2015: Mortes Matadas por Arma de Fogo**. Brasília: CEBELA; FLACSO, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2015.

_____. **Mapa da Violência 2016: Homicídios por Armas de Fogo no Brasil**. Brasília: CEBELA; FLACSO, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2016.